



CAPÍTULO 11

PARTIDARISMO E AVALIAÇÃO GOVERNAMENTAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: BOLSONARO SOB LENTES PETISTAS

Lucas Silva Almeida

Gustavo César De Macêdo Ribeiro

INTRODUÇÃO

O Partido dos Trabalhadores (PT) é o partido brasileiro que, historicamente, concentrou tanto as maiores proporções de partidarismo (*petismo*) como as de antipartidarismo (*antipetismo*) por parte do eleitorado brasileiro. Tanto o petismo quanto o antipetismo advêm de diversas fontes. No que diz respeito ao primeiro, ele varia desde a relação com movimentos sociais ao recrutamento de simpatizantes após os êxitos dos primeiros governos Lula na área social. Já o segundo pode estar associado às associações feitas entre o PT e os escândalos de corrupção, vêm como ao ressentimento social (Paiva; Krause; Lameirão, 2016).

A partir das eleições presidenciais de 2018, o antigo embate entre PT e PSDB deu lugar a um novo confronto, dessa vez entre PT e o movimento bolsonarista. A vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 quebrou uma sequência de 4 vitórias consecutivas do PT para eleições presidenciais, jogando novamente o partido para o papel de oposição ao governo. A manutenção da rivalidade entre o PT e o movimento bolsonarista até as eleições de 2022 foi instrumental para que ocorresse a eleição com o resultado mais apertado na história brasileira (CNN, 2022; Correio Braziliense, 2019; Rothenburg, 2018).

As atitudes e os discursos de Bolsonaro geraram impactos em seus eleitores. Com o tempo, a realidade de seus apoiadores começou a ser impactada pelas mensagens do atual filiado ao PL. Durante seus governos, Bolsonaro se tornou uma figura polarizadora, gerando tanto rejeição como afeição por parte dos brasileiros (Gortázar, 2019) – e foi durante esse contexto que surgiu a pandemia do coronavírus. A pandemia do coronavírus iniciada em 2020 forçou os líderes de Estado a tomarem

medidas drásticas e céleres para proteger a vida de seus cidadãos. Mas em meio ao caos, alguns países demoraram para tomar atitudes efetivas em relação à COVID-19, entre eles o Brasil, sob a liderança do ex-capitão do Exército. O resultado foi o alto número de mortes causadas pela doença.

O papel dos líderes políticos se tornou importantíssimo para conter a ameaça do coronavírus. As atitudes dos líderes de Estado foram amplamente divulgadas. Entretanto, mesmo com a disseminação dos cuidados necessários para conter o vírus, parte da população agiu, tendo como base a maneira como a situação foi tratada pela elite política. Diante de um cenário que os ânimos da população brasileira estavam exaltados, criou-se uma associação que quem defendia as medidas de segurança amplamente divulgadas por canais de ciência tinha uma tendência em ter uma avaliação negativa do governo (Falcão; Vivas, 2022).

Aos poucos, a questão da COVID foi politizada, e indivíduos mais alinhados ao ex-presidente Bolsonaro se deixaram influenciar por suas atitudes negacionistas (Gramacho; Thurgeon, 2021). No Brasil, a falta de coordenação entre as esferas do poder para resolver o problema, seja por meio de vacinas ou lockdowns, foram sintomas de maneiras distintas de enxergar o problema, que podem ter enraizamento político (Batista, 2022; CNN, 2022).

Tendo em vista essa problemática descrita, este artigo busca produzir evidências sobre o seguinte questionamento: **Qual a influência do partidarismo sobre a avaliação do governo na gestão da pandemia de COVID-19?** Essa pergunta se justifica na busca de entender como o partidarismo afeta a avaliação governamental em tempos de pandemia no Brasil. Muitos estudos foram feitos mostrando como foi a avaliação presidencial em outros países (Aruguete *et al.*, 2021; Bell-Martín; Rodríguez, 2021; Klobovs, 2021; Sosa-Villagarcia; Lozada, 2021). No caso brasileiro, estudos já foram feitos mostrando a opinião pública em relação à COVID-19 com diversos temas e tratando de outras variáveis (Calvo; Ventura, 2020; Pereira; Nunes, 2021).

Em alguns desses estudos, considerou-se a importância do partidarismo como fator explicativo. Os resultados demonstram que a questão partidária pode afetar a percepção sobre o nível de informação sobre a COVID-19 (Gramacho, 2021), assim como também pode influenciar na confiança que se tem sobre a vacinação (Gramacho; Turgeon, 2021). No geral, a questão partidária do indivíduo afeta a visão das pessoas sobre a pandemia e como o governo age para controlar esse problema. Além disso, ainda há uma lacuna no que se refere ao estudo que atrela a avaliação governamental com a identificação partidária, naquele contexto.

O presente artigo objetiva preencher essa lacuna na literatura. Para tanto, objetiva (1) realizar uma análise estatística descritiva para entender o posicionamento de parte do eleitorado petista em relação à gestão governamental da crise da

pandemia de coronavírus e (2) analisar, através de modelos estatísticos, o partidarismo como uma condicionante das avaliações feitas pelos indivíduos sobre a gestão que o governo Bolsonaro fez em relação à crise do coronavírus. Os dados que serão utilizados neste estudo são provenientes do Instituto DataFolha, a partir da pesquisa intitulada *Opinião sobre o Coronavírus*, que foi realizada no período de emergência da pandemia no Brasil e disponibilizada pelo CESOP (2022). Ao todo, foram realizadas doze ondas de *surveys*, sendo que em duas ondas há a possibilidade de mensurar a avaliação governamental em relação à identificação partidária de parte do eleitorado brasileiro.

Além desta introdução, o presente artigo está estruturado em cinco seções. A próxima seção consiste na revisão teórica, em que são discutidas produções acadêmicas relevantes que fundamentam o desenvolvimento deste estudo. A terceira seção refere-se à metodologia, na qual se detalham os procedimentos adotados para a organização e execução da pesquisa. A quarta seção apresenta a análise dos dados, contemplando tanto a exploração inicial dos *surveys* aplicados, quanto os resultados obtidos por meio de testes estatísticos. Por fim, a conclusão estabelece um diálogo entre os achados empíricos e a literatura previamente discutida, além de abordar as limitações do estudo e indicar possíveis direções para investigações futuras.

REVISÃO TEÓRICA

Há evidências na literatura sobre partidos políticos no Brasil que demonstram um baixo enraizamento social das agremiações partidárias (Okado; Ribeiro; Lazare, 2018; Pereira, 2014). Mas também não se pode descartar a presença de um relacionamento entre o eleitorado e o partido que teve mais sucesso ao longo do século XXI em adquirir adeptos: o PT. Ao mesmo tempo, há estudos que tentam entender se o Brasil passa por um processo de polarização política (Fuks; Borba, 2020), o que leva a pensar que a mensagem transmitida por partidos ganha importância sobre temas salientes, que no momento se encaixa a questão da pandemia.

Alguns desses estudos demonstram que, por conta da criação de um viés partidário, indivíduos agem influenciados pelos atalhos cognitivos gerados pelos partidos políticos (Abramowitz; Webster, 2015; Ditto *et al.*, 2018). Esse fenômeno pode ser avaliado melhor levando-se em consideração a opinião pública sobre a forma que a presidência da república vem agindo em relação à COVID-19, já que há produções que mostram que os brasileiros enxergam melhor as diferenças partidárias quando a disputa entre os partidos é para o cargo máximo do Poder Executivo.

A análise sobre a gestão governamental em relação à pandemia pode gerar resultados interessantes de serem estudados. De um lado, levando em consideração a linha partidária da socialização, é de se esperar opiniões extremadas que levarão

em conta a dicotomia “nós contra eles”, em que independente das atitudes tomadas pelo Poder Executivo, haverá uma equivalência de opiniões positivas e negativas por conta do embate partidário.

Por outro lado, se levar em consideração que os indivíduos usam atalhos informacionais, espera-se que por mais que o impacto da COVID-19 tenha tido consequências terríveis para a sociedade, não se cria a figura de “incompetência” na forma com que se lida com a pandemia. Daí a importância de se analisar a variável do partidarismo para verificar se há a possibilidade de haver uma dissonância na mentalidade do povo brasileiro e agregar conhecimentos sobre a influência das preferências partidárias na opinião pública, principalmente por parte dos indivíduos que se identificam como petistas, o que poderia prestar contribuições tanto para o debate sobre a identificação partidária no Brasil como também agregar para o estudo da polarização e comportamento político no país.

Assim, a hipótese que vai ser analisada nesse capítulo é:

H1: Ser petista aumenta as chances de avaliar negativamente a forma como o Governo Bolsonaro lidou com a pandemia.

METODOLOGIA

Os dados serão provenientes dos *surveys* realizados pelo DataFolha e disponibilizados pelo Centro de Estudos de Opinião Pública em seu site (CESOP, 2022). O Instituto DataFolha realizou pesquisas de opinião intituladas *Opinião sobre o Coronavírus*, realizadas entre abril de 2020 e julho de 2021, o que constituiu doze ondas de *surveys* no período citado. Os *surveys* que serão utilizados nessa pesquisa correspondem às ondas 1 e 12, que foram realizadas nos dias 18 a 20 de março de 2020 e 07 e 08 de julho de 2021, respectivamente. Os bancos de dados foram escolhidos porque possuem as variáveis que permitem verificar o efeito da identificação partidária na forma como os indivíduos avaliam a gestão do governo em relação à pandemia. Originalmente, o primeiro *survey* possui 1.558 respondentes e o décimo segundo, 2.074.

A pergunta que servirá como base para análise da variável dependente é a seguinte: “Como você avalia o desempenho do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia do coronavírus: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?” (CESOP, 2022). Para realizar o teste estatístico e responder à hipótese de pesquisa, algumas recodificações foram realizadas nos dados. A variável dependente será trabalhada a partir de 3 categorias, sendo eles: bom, regular e ruim. Será considerado “bom” a união das respostas “ótimo” e “bom”. Regular mantém-se como nos dados dos *surveys*. “Ruim” vira a união de “ruim” e “péssimo”. Por último, as respostas “não sabe” serão retiradas da análise. O Quadro 1 mostra a disposição das variáveis após a reorganização dos dados.

A variável independente é a variável identificação partidária. Um fator que se mostra comum nesse tipo de pesquisa é a exclusão dos “apartidários”, ou seja, quem não possui identificação partidária. Esse procedimento é visto nos trabalhos de Druckman *et al.* (2021), Gramacho (2021) e Bell-Martín e Domínguez (2021). Porém, como se quer o impacto de ter um partido na avaliação do governo na gestão da pandemia, não ter um partido também pode gerar um impacto visto que seria em teoria uma visão “imparcial” da situação. Assim, os independentes serão mantidos na análise, conforme visto em Calvo e Ventura (2021).

Como a literatura mostra que o PT é o partido mais estudado quando se trata de partidarismo e polarização, e se quer saber qual o impacto de ser petista para a avaliação do governo na gestão da pandemia de COVID-19, utiliza-se todas as outras identificações partidárias como categoria de referência na variável independente para a hipótese 1. A pergunta nos *surveys* que define a mensuração da identificação partidária é: “Qual seu partido político de preferência? (Resposta única e espontânea)” (CESOP, 2022). O Quadro 2 mostra a reorganização dos dados para a variável identificação partidária.

Optou-se por variáveis de controle para o modelo as variáveis: sexo, escolaridade e idade. Para a variável sexo, a categoria de referência será a resposta “Masculino”, uma vez que os eleitores masculinos são os que mais têm propensão a não serem petistas. Da mesma forma, Gimenes *et al.* (2016) mostram que há uma maior tendência entre homens terem um voto partidário. O uso dessa variável como variável de controle se dá pelo que já foi observado em Gimenes *et al.* (2016), em que os autores realizaram diversos testes estatísticos com muitas outras variáveis que retratam características socioeconômicas dos cidadãos brasileiros.

A variável escolaridade será medida pela pergunta: “Até que ano da escola você estudou?” (CESOP, 2022). Essa pergunta possui 8 respostas possíveis, variando de analfabetismo à pós-graduação. Essa variável será reorganizada de maneira binária. As respostas que consideram as escolaridades de Ensino Superior Incompleto a Pós-graduação serão aglutinadas em uma única resposta e serão a categoria de referência para a análise. Essa escolha foi feita, visto que Nicolau (2020) fez levantamento dos extratos sociais das eleições de 2018 e encontrou que os eleitores petistas possuem menor escolaridade. As outras escolaridades, que variam de analfabetismo a Colegial Completo, serão a outra resposta. O Quadro 3 mostra a reorganização dos dados para a variável escolaridade.

A variável idade será medida pela pergunta: “Qual a sua idade? (ANOTE) (SE MENOS DE 16 ANOS, ENCERRE)” (CESOP, 2022). Essa pergunta gera uma variável quantitativa contínua, e será mantida dessa forma para medir o efeito na avaliação conforme a idade dos respondentes aumentam. Porém, de acordo com achados de Nicolau (2020), conforme a idade aumenta se espera que se encontrem mais eleitores bolsonaristas, e por consequência, uma melhor avaliação em relação ao governo.

Como os períodos entre os *surveys* são distantes, optou-se por analisar individualmente cada período. No primeiro *survey*, a amostra é de 1.485 ($N = 1.485$). No segundo *survey*, a amostra é de 2.052 ($N = 2.052$). Para responder à hipótese, utilizou-se uma regressão logística ordinal para cada *survey* individualmente, que teve como variável dependente a avaliação governamental, e variável independente a identificação partidária.

Pela variável dependente ser uma variável categórica ordinal, há alguns modelos específicos que conseguem lidar com sua natureza. Um dos modelos que abrangem esse tipo de dado é a regressão logística ordinal. Esse modelo estatístico não é muito utilizado em análises, embora seja o mais indicado quando é a situação em que se apresenta. Muitas vezes é optado um modelo que considera as variáveis como quantitativas contínuas, o que pode levar a inferências equivocadas (MCNULTY, 2022).

Como outros modelos estatísticos, existem premissas que verificam se o modelo é o mais adequado a ser utilizado. A primeira premissa é a natureza da variável dependente, que precisa ser categórica ordinal. A outra premissa que precisa ser confirmada é se cada variável independente possui o mesmo efeito para cada categoria da variável dependente. Para verificar se a premissa é cumprida, é realizado o Teste Brant-Wald. O teste realiza uma comparação entre uma regressão logística e o modelo de regressão logística ordinal. O Teste Brant-Wald verifica a diferença no coeficiente dos modelos, gerando uma estatística qui-quadrado. A hipótese nula do Teste Brant-Wald é de que os coeficientes resultantes permitem o uso do modelo de regressão logística ordinal. A hipótese alternativa é que os coeficientes não permitem o uso do modelo de regressão logística ordinal (MCNULTY, 2022).

Ao utilizar o Teste Brant-Wald no primeiro *survey*, verificou-se que modelo de regressão logística ordinal pode ser utilizado para fazer a inferência dos dados. Porém, ao ser realizado o Teste Brant-Wald nos dados correspondentes à décima segunda onda, observa-se que os dados rompem com a premissa que permite o uso da regressão logística ordinal.

Em algumas situações, há casos de pesquisadores que acabam por utilizar o modelo de regressão logística ordinal, mesmo tendo o pressuposto violado ou mudar para um modelo que é menos parcimonioso ou mais difícil de interpretar, como a regressão logística multinomial, que não faz uso da informação de ordenamento da variável dependente. Nesse sentido, uma alternativa que leva em consideração as informações do ordenamento na variável dependente é o modelo de regressão *odds-riscos* proporcionais (Williams, 2016).

O uso da regressão *odds-riscos* proporcionais não se dá apenas porque o pressuposto encontrado na regressão logística ordinal é relaxado. O uso daquele também modifica os resultados encontrados, sejam eles coeficientes, a significância

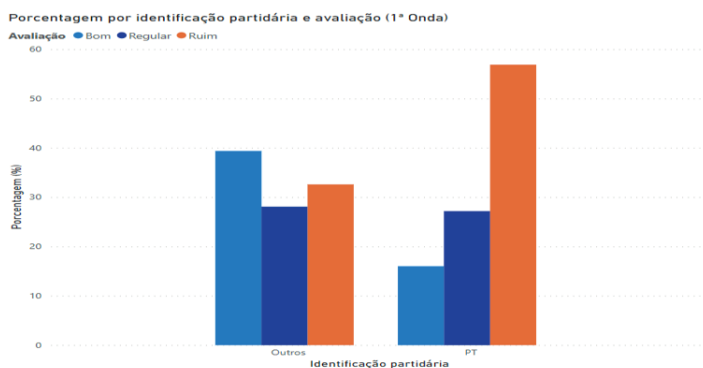
estatística das variáveis e até mesmo a magnitude do efeito das variáveis. Como todos os modelos estatísticos, ele possui limitações e problemas de usos. Um possível problema que pode surgir é devido a verificar qual a variável viola o pressuposto na regressão logística ordinal e evidenciar essa variável na construção do modelo de regressão *odds-riscos* proporcionais (Williams, 2016). O Teste Brant-Wald auxilia nesse sentido, e é evidenciado que a variável que rompe com esse pressuposto é a variável identificação partidária no *survey* da décima segunda onda.

ANÁLISE DE DADOS

DADOS DESCRITIVOS

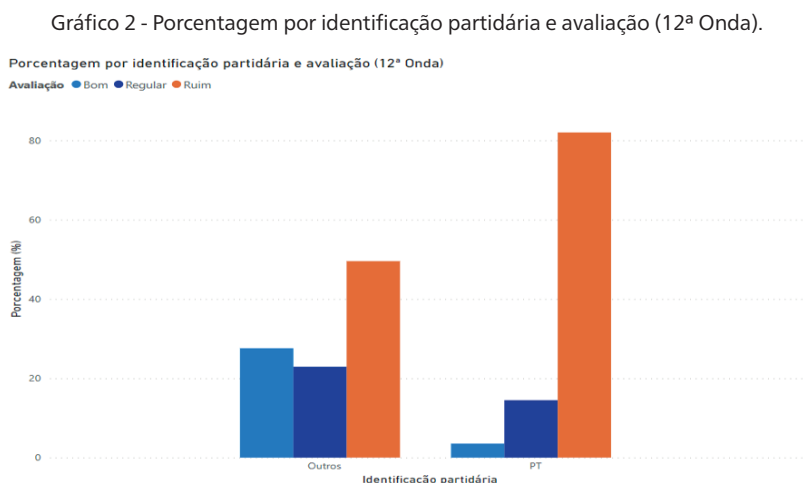
Ao observar os dados dos *surveys*, percebe-se algumas distribuições baseadas na literatura. Em relação aos indivíduos de outras identificações partidárias e suas avaliações do governo na gestão da pandemia, o primeiro *survey* mostra que os respondentes avaliaram as medidas do governo como “bom”, e em seguida como “ruim” e por último como “péssimo”, com 39,36%, 32,59% e 28,06% respectivamente. Quando se analisa a forma como os petistas avaliam o governo na gestão da pandemia, observa-se a predominância da avaliação negativa. Na primeira onda, 56,86% dos que se identificavam como petistas avaliaram a gestão do governo como “ruim”, 27,16% avaliaram como “regular” e 15,98% avaliaram como “bom”. O Gráfico 1 mostra a distribuição das avaliações para os dois grupos.

Gráfico 1 - Porcentagem por identificação partidária e avaliação (1ª Onda).



Fonte: CESOP (2022). Autoria própria.

Já na décima segunda onda, o que se percebe é que para os indivíduos com outras identificações partidárias há uma inversão nas avaliações. As avaliações mais dadas passam a ser a “ruim”, seguida de “bom” e por fim “regular”, com 49,54%, 27,57% e 22,89%. Já para os que se identificam como petistas, a ordem de grandeza das avaliações se mantém como na primeira onda, porém com uma maior inclinação para a avaliação “ruim”, que passa a ser 82% das respostas dadas pelos petistas, seguido de “regular” (14,47%) e “bom” (3,53%). O Gráfico 2 mostra a distribuição das avaliações para os dois grupos.



Fonte: CESOP (2022). Autoria própria.

ANÁLISE DO MODELO ESTATÍSTICO

Para manter o padrão de análise, a regressão de *odds-riscos* proporcionais vai ser utilizada para os dados dos dois *surveys*, visto que o Teste Brant-Wald mostrou que a variável que mensura a identificação partidária no *survey* da décima segunda onda viola o pressuposto das chances proporcionais. A interpretação dos resultados para os dados do *survey* da primeira onda é a que segue: O modelo tomou como referência de análise todas as outras identificações partidárias. Assim, o efeito de quem se identifica com o PT fica evidenciado.

A partir das razões de chances, pode-se concluir que os indivíduos que se identificam partidariamente com o PT têm aproximadamente 74% menos chances de avaliar a gestão do governo na pandemia como “bom” ou “regular”, em comparação

com indivíduos de outras identificações partidárias no período do primeiro *survey*. A variável de controle Sexo mostra que indivíduos que pertencem ao sexo feminino têm 38,5% menos chances de avaliar a gestão do governo na pandemia como “bom” ou “regular” em comparação com indivíduos que pertencem ao sexo masculino.

Em relação à escolaridade, os indivíduos cuja escolaridade é menor ou igual ao ensino médio, têm 68% mais chances de avaliarem a gestão do governo na pandemia como “bom” ou “regular”, em comparação com indivíduos que possuem escolaridade a partir do ensino superior. Por fim, para cada 1 ano acrescentado aos indivíduos, as chances de avaliarem a gestão do governo na pandemia aumenta em 1,1%. Todas as variáveis têm significância estatística. A Tabela 1 mostra os coeficientes, os intervalos de confiança, as razões de chance e os valores-p de cada variável.

Tabela 1 - Resultados do Modelo Estatístico, com dados da 1ª Onda

Variável	Coeficiente	Avaliação	Wald IC 95%	Razões de Chance	Valor-p
Partido PT	-1.3459	Bom	0.160, 0.456	0.260	<0.0001
Sexo Feminino	-0.4859	-	0.508, 0.745	0.615	<0.0001
Escolaridade <= Ens. Médio	0.5188	-	1.358, 2.079	1.680	<0.0001
Idade	0.0110	-	1.005, 1.017	1.011	0.0004

Fonte: Autoria Própria.

O mesmo processo é realizado com os dados do *survey* da décima segunda onda. A interpretação dos resultados após a realização do teste estatístico para os dados do *survey* da décima segunda onda é a que segue: O modelo tomou como referência de análise todas as outras identificações partidárias. Assim, o efeito de quem se identifica com o PT fica evidenciado. A partir das razões de chances, pode-se concluir que os indivíduos que se identificam partidariamente com o PT têm aproximadamente 91% menos chances de avaliar a gestão do governo na pandemia como “bom” ou “regular”, em comparação com indivíduos de outras identificações partidárias no período do décimo segundo *survey*.

Em relação à variável de controle Sexo, obtém-se o resultado de que indivíduos que pertencem ao sexo feminino têm aproximadamente 35,3% menos chances de avaliar a gestão do governo na pandemia de coronavírus como “bom” ou “regular”, em comparação com indivíduos que pertencem ao sexo masculino. Em relação à escolaridade, indivíduos que possuem escolaridade até o ensino médio completo têm aproximadamente 50,2% mais chances de avaliar a gestão do governo na pandemia como “bom” ou “regular”, do que indivíduos que possuem escolaridade

a partir do ensino superior. Por fim, para a variável idade, com o aumento de 1 unidade na idade, as chances de avaliar a gestão do governo na pandemia como “bom” ou “regular” aumenta em 0,06%. Mais uma vez, todas as variáveis possuem significância estatística e a Tabela 2 mostra os coeficientes, os intervalos de confiança, as razões de chance e os valores-p de cada variável.

Tabela 2 - Resultados do Modelo Estatístico, com dados da 12ª Onda

Variável	Coeficiente	Avaliação	Wald IC 95%	Razões de Chance	Valor-p
Partido PT	-2.377	Bom	0.056,0.155	0.093	<0.0001
Sexo Feminino	-4.355	-	0.543,0.771	0.647	<0.0001
Escolaridade <= Ens. Médio	0.4067	-	1.161,1.943	1.502	0.0019
Idade	0.0061	-	1.001,1.011	1.006	0.0190

Fonte: Autoria Própria.

CONCLUSÃO

Este artigo buscou analisar qual o impacto do partidário na avaliação sobre o governo na gestão da pandemia de COVID-19. A hipótese buscava verificar se os indivíduos que se identificam como petistas tenderiam a avaliar como pior, a forma que o governo lidou com a gestão da pandemia de coronavírus. Para poder analisar essa hipótese, foi utilizada uma regressão *odds-riscos* proporcional. Nesse modelo, a variável independente era a identificação partidária, enquanto a variável dependente era a avaliação governamental sobre a gestão da pandemia de coronavírus.

Foram usadas 3 variáveis de controle: escolaridade, idade e sexo. Os resultados mostram que a identificação partidária com o PT é uma boa preditora da avaliação governamental sobre a gestão da pandemia de COVID-19, permitindo a adoção da hipótese de pesquisa. Eleitores que se identificam com o PT têm uma maior tendência a avaliar negativamente a forma que o governo lidou com a gestão da pandemia de COVID-19 comparados aos outros indivíduos com outras ou nenhuma identificação partidária. Esse resultado é visto nos dois períodos distintos ao qual foram realizados os *surveys*. O teste de robustez realizado com uma regressão logística multinomial também identifica os mesmos efeitos, e encontra-se disponível no Anexo I.

A existência de uma disputa duradoura com o PSDB que foi substituída pelo movimento bolsonarista e a consequente derrota do partido nas eleições presidenciais em 2018 podem indicar que os petistas tenham criado tanto sentimentos negativos em relação ao Governo Bolsonaro, como também podem ter entendido que a posição

de seu partido era novamente de um partido de oposição. Daí a possibilidade tanto por parte da polarização, como através das *party cues* influenciarem a visão dos petistas sobre a forma como os petistas avaliam a gestão da pandemia realizada pelo governo.

Em relação às variáveis de controle, observa-se que as mulheres tendem a avaliar a gestão governamental da pandemia mais negativamente que os homens. Indivíduos que possuem escolaridade até o ensino médio completo avaliam melhor a gestão governamental. A idade gera um pequeno impacto para uma melhor avaliação. Juntamente com a variável identificação partidária, todas obtiveram significância estatística.

Sobre as variáveis de controle, a primeira a ser analisada é a variável sexo. Conforme mostrado no trabalho de Gimenes *et al.* (2016), os homens têm uma maior tendência em adotar uma identificação partidária do que as mulheres. Da mesma forma, o trabalho de Nicolau (2020) mostra que mulheres tinham uma maior tendência em votar no PT em 2018 do que os homens. Observando-se os dados dos *surveys*, percebe-se que a maioria das mulheres que responderam ter identificação partidária se identificaram como petistas, daí a possibilidade de isso ter influenciado o resultado encontrado.

Sobre a variável de controle escolaridade, há um impasse sobre o que se esperava. De um lado, pode-se apelar para a sofisticação dos respondentes e inferir que, aqueles que entendiam melhor a ameaça, avaliaram as ações tomadas pelo governo em relação ao coronavírus mais negativamente que os indivíduos com menor escolaridade. Por outro lado, verifica-se que nas eleições de 2018, Bolsonaro ganhou do candidato petista em todas as escolaridades, embora houvesse evidências na literatura que mostrassem uma evolução do nível de escolaridade de eleitores petistas (Fuks; Borba, 2018; Nicolau, 2020). Por fim, a variável de controle idade mostrou um efeito esperado, visto que a literatura mostra que os eleitores que têm a tendência em ser antipetistas são mais velhos e votaram mais em Bolsonaro (Nicolau, 2020).

Entretanto, esse trabalho possui limitações. A primeira delas é a questão do local onde foram realizadas as pesquisas. Paiva, Krause e Lameirão (2016) afirmam que a prevalência do antipetismo no Brasil é localizada na região sudeste. Assim, seria interessante se houvesse a possibilidade de acrescentar ao modelo uma variável que pudesse verificar se a localização na qual os respondentes estão localizados e são petistas afeta ainda mais as discrepâncias na avaliação. Também, poderiam ser avaliados os efeitos em estados aos quais o governo estadual é representado por um membro do PT. Embora esses dados estejam disponíveis no *survey* correspondente à décima segunda onda, eles não estão na primeira onda. Da mesma forma, outra variável que se mostrou interessante a ser analisada, mas que não estava presente nos dois *surveys*, era a variável que mensurava a religião dos indivíduos.

Outra limitação também é a disponibilidade da pergunta que mensura a identificação partidária dos indivíduos. Apenas dois dos doze *surveys* trazem essa variável. O que é visto entre um *survey* e outro é a quantidade de indivíduos que passaram a responder que se identificam com o PT, mas não se pôde verificar essa crescente ao longo do tempo. Caso houvesse tal disponibilidade, pesquisas que pudessem relacionar esse aumento de pessoas que se identificam como petistas com outros eventos, principalmente relacionados com o número de vítimas da pandemia, poderiam corroborar a literatura que veio como crítica aos trabalhos de Campbell *et al.* (1976) e Downs (2013) de que a identificação partidária é um elemento fluido na vida do eleitorado.

Ainda na mesma linha, seria interessante verificar os efeitos da avaliação governamental com outros partidos. O foco dessa pesquisa foi no PT por conta do partido ser o que possui a maior base partidária no país. Porém, outras análises podem ser interessantes: A questão dos antipetistas e a forma que eles avaliam o governo na gestão da pandemia. Será que dentro desse grupo, as avaliações são mais positivas, ainda que Bolsonaro tenha agido de uma forma não condizente com o que se esperava, tendo como base as medidas de segurança contra a COVID-19?

Outra questão seria em relação a partidos que constituíram a base governamental do Governo Bolsonaro. Será que poderia se esperar também uma visão mais positiva por fazer parte da bancada do governo? Outra possibilidade seria utilizar os partidos como *proxy* para ideologia, e verificar se há algum efeito em relação à ideologia e à avaliação do governo na gestão da pandemia. Ainda, seria interessante verificar a paridade entre as formas de avaliação do governo em nível nacional e estadual, para verificar se há uma diferença no nível de avaliação quando os governadores são da oposição ao governo ou até mesmo petistas.

Entre as pesquisas futuras, as mais importantes são as que envolvem os resultados das eleições de 2022 com os efeitos da pandemia. O décimo segundo *survey* já traz entre suas perguntas uma pesquisa de intenção de voto. O resultado apertado das eleições parece indicar que a pandemia não é um fator importante para o voto, porém não se pode inferir com certeza tal afirmação. Da mesma forma, outro ponto importante seria verificar quais as atitudes e comportamentos dos eleitores independentes, tanto frente à avaliação da gestão das organizações político-administrativas, quanto em suas intenções de voto.

Outra linha de pesquisa que se mostra interessante seria uma comparação entre as instituições políticas de países e a forma adotada de gestão da pandemia. Embora muito se tenha falado em uma comparação com os Estados Unidos, uma comparação com outros países federalistas, como Alemanha e Austrália, mostra que a esfera político-administrativa federal agiu apenas como um papel de coordenador,

enquanto as esferas regionais aplicaram as medidas de segurança para a COVID-19. Uma pesquisa nesse sentido poderia evidenciar até que ponto as instituições políticas se mostram resilientes em garantir a segurança de seus cidadãos.

Por fim, ainda apelando para uma pesquisa que pudesse investigar as instituições vigentes em países diferentes, poder-se-ia verificar qual o impacto de um país ter um sistema de saúde pública contra um sistema de saúde privado no enfrentamento de pandemias. Conforme foi visto, o SUS lutou para salvar o máximo de vidas possíveis mesmo com falta de recursos, tanto em equipamentos como financiamento, enquanto o maior exemplo de um sistema de saúde pública privado, o dos Estados Unidos, foi amplamente criticado. Sendo o sistema de saúde um reflexo das instituições do país, seria interessante verificar se houve mudanças institucionais emergenciais que visassem garantir o controle da pandemia.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWITZ, A.; WEBSTER, S. Negative Partisanship: Why Americans dislike parties but behave like rabid partisans. **Advances in Political Psychology**, v. 39, n. 1, p. 119-13, 2018.

ARUGUETE, N. *et al.* Partisan Cues and Perceived Risks: The effects of partisan social media frames during the COVID-19 crisis in Mexico. **Journal of Elections, Public Opinion and Parties**, v.31, n.1, pp.82-95, 2021.

BATISTA, E. **COVID-19**: como o lockdown prejudicou o Brasil? Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/ciencia/244066-COVID-19-lockdown-prejudicou-o-brasil.htm>. Acesso em: 08 set. 2022.

BELL-MARTIN, R.; DOMÍNGUEZ, A. The Unmasked Electorate: Co-partisanship, Personal Experience, and Perceptions of COVID-19 in Mexico. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v. 10, n. 2, p. 137-157, 2021.

CALVO, E.; VENTURA, T. Will I get COVID-19? Partisanship, Social Media Frames and Perceptions of Health Risks in Brazil. **Latin American Politics and Society**, v. 63, n. 1, p. 1-26, 2021.

CAMPBELL, A. *et al.* **The American Voter**. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

CNN BRASIL. **Cinco governadores compraram vacinas contra a COVID-19, não apenas governo federal**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/cinco-governadores-compraram-vacinas-contra-a-COVID-19-nao- apenas-governo-federal/>. Acesso em: 08 set. 2022.

CNN BRASIL. **Disputa entre Lula e Bolsonaro é a eleição para presidente mais acirrada da história.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

CORREIO BRAZILIENSE. **Com tucanos e petistas, opositores se juntam em ação contra Bolsonaro.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

DITTO, P. *et al.* At Least Bias is Bipartisan: A Meta-Analytic Comparison of Partisan Bias in Liberals and Conservatives. **Perspective on Psychological Science**, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2018.

DOWNS, A. **Uma Teoria Econômica da Democracia.** São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2013.

DRUCKMAN, J. *et al.* How Affective Polarization Shapes American's Political Beliefs: A Study of Response to the COVID-19 Pandemic. **Journal of Experimental Political Science**, v. 8, n. 3, p. 223-234, 2021.

FALCÃO, M.; VIVAS, F. **Bolsonaro 'acreditava sinceramente' que cloroquina seria eficaz contra a Covid, diz vice-PGR.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/25/bolsonaro-acreditava-sinceramente-que-cloroquina-seria-eficaz-contra-a-covid-diz-vice-pgr.ghtml>. Acesso em: 08 set. 2022.

FUKS, Mario; BORBA, Julian; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. Polarização, antipartidarismo e tolerância política no Brasil. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 42., 2018, Caxambu. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2018. p. 1-17.

FUKS, M.; BORBA, J. Sentimentos partidários: temas, controvérsias e sua recepção recente no Brasil. **No prelo**, 2020.

FUKS, M.; RIBEIRO, E.; BORBA, J. From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018 Vote for Bolsonaro. **Brazilian Political Science Review**, v. 15, n. 1, 2021.

GIMENES, E. *et al.* Partidarismo no Brasil: análise longitudinal dos condicionantes da identificação partidária (2002-2014). **Revista Debates**, v. 10, n. 2, p. 121-148, mai-ago., 2016.

GÓRTAZAR, N. **Bolsonaro emula Trump, escala retórica pela polarização e colhe críticas.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/30/politica/1564516182_689279.html. Acesso em: 08 set. 2022.

GRAMACHO, W. *Party cues* no Brasil? Um teste crucial da capacidade do sistema de partidos brasileiros em influenciar a opinião pública. **Revista Opinião Pública**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 385-411, maio-agosto, 2021.

GRAMACHO, W.; THURGEON, M. When Politics collides with public health: COVID-19 vaccine country of origin and vaccination in Brazil. **Vaccine**, n. 39, v. 19, p. 2608-2612, 2021.

KLOBOVS, L. El Impacto del Coronavirus en la Figura Pública Presidencial Argentina. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v. 10, n. 2, p. 15-37, 2021.

MCNULTY, K. **Handbook of Regression Modeling in People Analytics**. Londres: Chapman & Hall, 2022.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

OKADO, L.; RIBEIRO, E.; LAZARE, D. Partidarismo, ciclos de vida e socialização política no Brasil. **Proposições**, v. 29, n. 1, p. 267-295, 2018.

OPINIÃO SOBRE O CORONAVÍRUS - 1ª ONDA. In: Datafolha/Banco de Dados CESOP/ UNICAMP. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/4546. Acesso em: 05 jan. 22.

OPINIÃO SOBRE O CORONAVÍRUS - 12ª ONDA. In: Datafolha/Banco de Dados CESOP/ UNICAMP. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/4600. Acesso em: 01 fev. 22.

PAIVA, D.; KRAUSE, S.; LAMEIRÃO, A. O eleitor antipetista: partidarismo e avaliação retrospectiva. **Opinião Pública**, v. 22, n. 3, p. 638-674, 2016.

PEREIRA, F. A estabilidade e a efetividade da preferência partidária no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 13, p. 213-244, abril, 2014.

PEREIRA, F.; NUNES, F. Media Choice and The Polarization of Public Opinion about COVID-19 in Brazil. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v.10, n.2, pp.39-57, 2021.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y.; BORBA, J. Sentimentos Partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opinião Pública**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 603-637, dez. 2016.

ROTHENBURG, D. **“Se eu errar, o PT volta”, diz Bolsonaro em entrevista exclusiva**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/ap/noticia/politica/2018/11/02/interna_politica,717119/em-entrevista-bolsonaro-reafirma-papel-dos-militares-no-ministerio.shtml. Acesso em: 01 dez. 2022.

SOSA-VILLAGARCIA, P.; LOZADA, V. COVID-19 and Presidential Popularity in Latin America. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v. 10, n. 2, p. 71-87, 2021.

WILLIAMS, R. Understanding and Interpreting Generalized Ordered Logit Models. **Journal of Mathematical Sociology**, v. 40, n. 1, p. 7-20, 2016.

ANEXO I

Quadros

Quadro 1 - Reorganização das avaliações sobre o governo no combate à pandemia

Avaliações	Avaliações reorganizadas
Ótimo	Bom
Bom	
Regular	Regular
Ruim	Ruim
Péssimo	
Não sabe	Não sabe

Fonte: CESOP (2022). Autoria própria.

Quadro 2 - Reorganização da variável identificação partidária

Identificações Partidárias	Identificações Partidárias reorganizadas
PT	PT
Nenhum/não tem	Outros
Nome e Referências	
Outros partidos	
PMDB	
PSDB	
PSL	
PDT	
PSOL	

Fonte: CESOP (2022). Autoria própria.

Quadro 3 - Reorganização da variável escolaridade

Escolaridade	Escolaridade reorganizada
Analfabeto/primário incompleto	<= Ens. Médio
Primário incompleto/ginasial incompleto	
Ginasial completo	
Colegial incompleto	
Colegial completo	
Superior incompleto	Ens. Superior
Superior completo	
Pós-graduação	

Fonte: CESOP (2022). Autoria própria.

Teste de Robustez

Para realizar o teste de robustez, optou-se por uma regressão logística multinominal, mantendo o modelo testado na hipótese. As Quadros a seguir mostram os coeficientes e as razões de chances de cada variável. Mais uma vez, os dados foram analisados individualmente. Foi usada como referência a avaliação “bom”. A interpretação dos resultados é a que segue: quando se compara as avaliações “bom” com “regular”, percebe-se que os indivíduos que se identificam como petistas têm 141% mais chances em avaliar a gestão do governo na pandemia como “ruim”. Comparando as avaliações “bom” e “ruim”, os indivíduos que se identificam como petistas têm 385% mais chances em avaliar a gestão do governo na pandemia como “regular”. As Quadros a seguir mostram os coeficientes e as razões de chances a partir do modelo.

Tabela 3 - Coeficientes da Regressão Logística Multinomial, com dados da 1ª Onda

Variáveis	Variáveis Independentes				
	Intercepto	Escolaridade <= Ens. Médio	Sexo Feminino	Partido PT	Idade
Avaliação - Regular	-0.008702858	0.1546461	0.3937509	0.8830427	-0.01481251
Avaliação - Ruim	0.678512730	-0.6111227	0.6190900	1.5792372	-0.01398408

Fonte: CESOP, 2022. Autoria Própria.

Tabela 4 - Razões de chance a partir da Regressão Logística Multinomial, com dados da 1ª Onda

Variáveis	Razões de Chances				
	Intercepto	Escolaridade <= Ens. Médio	Sexo Feminino	Partido PT	Idade
Avaliação - Regular	0.9913349	1.1672448	1.482531	2.418247	0.9852967
Avaliação - Ruim	1.9709442	0.5427412	1.857237	4.851254	0.9861132

Fonte: CESOP, 2022. Autoria Própria.

Ao realizar o mesmo processo com os dados da décima segunda onda, os resultados encontrados foram esses: quando se compara as avaliações “bom” com “regular”, percebe-se que os indivíduos que se identificam como petistas têm 359% mais chances em avaliar a gestão do governo na pandemia como “ruim”. Comparando as avaliações “bom” e “ruim”, os indivíduos que se identificam como petistas têm 1.254% mais chances em avaliar a gestão do governo na pandemia como “regular”. Os quadros a seguir mostram os coeficientes e as razões de chances a partir do modelo.

Os resultados encontrados a partir do teste de robustez condizem com o que foi encontrado a partir do modelo utilizado originalmente para testar a hipótese, confirmando que os indivíduos que se identificam como petistas têm uma maior tendência em avaliar negativamente a forma como o governo realizou a gestão da pandemia de coronavírus.

Tabela 5 - Coeficientes da Regressão Logística Multinomial, com dados da 12ª Onda

Variáveis	Variáveis Independentes				
	Intercepto	Escolaridade <= Ens. Médio	Sexo Feminino	Partido PT	Idade
Avaliação - Regular	0.1185555	0.2929416	0.1394061	1.524487	-0.01377232
Avaliação - Ruim	1.1148613	-0.3497064	0.5179845	2.606020	-0.01089838

Fonte: CESOP, 2022. Autoria Própria.

Tabela 6 - Razões de chance a partir da Regressão Logística Multinomial, com dados da 12ª Onda

Variáveis	Razões de Chances				
	Intercepto	Escolaridade ≤ Ens. Médio	Sexo Feminino	Partido PT	Idade
Avaliação - Regular	1.125869	1.340364	1.149591	4.592785	0.9863221
Avaliação - Ruim	3.049145	0.704895	1.678641	13.545040	0.9891608

Fonte: CESOP, 2022. Autoria Própria.